

Território Caiçara: Comunicação Visual como Mediação Cultural em Projetos de Reconhecimento Territorial de Comunidades Tradicionais¹

Ana Vitoria Dmengeon Dureck²

Regiane Regina Ribeiro³

Universidade Federal do Paraná - UFPR

RESUMO

Iniciado em 2021, o Projeto Território Caiçara, desenvolvido pelo Lageamb/UFPR junto a comunidades tradicionais do litoral do Paraná, demandou a criação de materiais de comunicação visual. Esta pesquisa investiga como esses produtos atuaram como mediadores culturais, fortalecendo vínculos, promovendo devolutivas éticas e aproximando saberes acadêmicos e comunitários.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação visual; divulgação científica; comunidades caiçaras; extensão universitária; mediação cultural.

INTRODUÇÃO

O Laboratório de Geoprocessamento e Estudos Ambientais (Lageamb) da Universidade Federal do Paraná concluiu em 2024 o “Projeto Território Caiçara: harmonizando direitos nas comunidades tradicionais das Ilhas das Peças e do Superagui”. Foi fruto de uma solicitação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Natureza (ICMBio) e definido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) como condicionante ao processo de licenciamento da etapa 3 do Pré-Sal pela Petrobrás. Carinhosamente apelidado de TECA, seu objetivo foi realizar um estudo da situação fundiária e cadastral dos habitantes de 18 comunidades localizadas no Parque Nacional do Superagui, na cidade de Guaraqueçaba. Nas comunidades, vivem diversas genealogias caiçaras e também pescadores artesanais, dos quais vários estão organizados no Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná (MOPEAR).

Considerando a comunidade que lá vive e os produtos a serem entregues, o projeto foi dividido em quatro etapas: Processo de consulta prévia e informada;

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT06SU - Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPR, e-mail: anadmengon@ufpr.br.

³ Professora do Curso de Relações Públicas da UFPR, e-mail: regianeribeiro@ufpr.br.

planejamento e mobilização comunitária; mapeamento cartográfico e fundiário; cadastramento físico, jurídico e social, mapeamento genealógico e apresentação dos resultados junto às comunidades.

Para a concretização inicial do projeto, foi necessário tratar com as lideranças locais, através de procedimentos do Protocolo de Consulta. Adotado como etapa zero, exigiu estratégias de comunicação acessíveis e culturalmente adequadas para garantir uma Consulta Livre, Prévia e Informada às comunidades caiçaras, conforme a Convenção 169 da OIT.

A Consulta de que falamos deve ser Livre, Prévia e Informada, diferente das reuniões chamadas de "participativas", que na maioria das vezes convidam pessoas de nossas comunidades nas reuniões do governo para nos convencer com suas palavras difíceis, e nos fazem assinar lista de presença e tirar fotos, para dizer que concordamos com suas propostas porque estivemos lá. Na maioria das vezes a gente fica escutando os projetos que eles já decidiram implantar, pouca coisa nós entendemos, e quando falamos sobre os problemas que podem nos afetar eles respondem que depois a gente discute, sem nunca dar uma resposta. Eles querem sempre discutir os assuntos deles e nunca os nossos (MOPEAR, p. 4, 2017).

Além do diálogo contínuo com as comunidades durante 24 meses, principalmente, na segunda e última etapa, fez-se necessário o desenvolvimento de produtos visuais que intermediassem a comunicação com a comunidade caiçara e auxiliassem tanto na identificação da própria população com o objeto do projeto, quanto na divulgação de campos e visitas de reconhecimento, por exemplo. A elaboração de materiais visuais teve papel fundamental na mediação do diálogo entre comunidade, Universidade, Petrobras e órgãos públicos (Rodrigues et al, 2022).

OBJETIVO

Analisar como os materiais de comunicação visual se desdobraram dentro do projeto Território Caiçara e como atuaram como mediadores culturais e políticos, na construção de vínculos entre os pesquisadores e a comunidade, na devolutiva ética e no fortalecimento identitário dos grupos tradicionais envolvidos. Parte-se da perspectiva de que essas mediações não se limitam à transmissão de conteúdos, mas envolvem processos de tradução e reinterpretação que permitem a convivência de diferentes temporalidades e saberes culturais (CANCLINI, 1998).

METODOLOGIA

A investigação adota uma perspectiva fundamentada no estudo de caso, principalmente, a partir da prática extensionista, na qual a pesquisadora atuou na elaboração da maioria dos materiais de comunicação visual do Projeto Território Caiçara. Assim, os métodos combinam a análise documental dos materiais gráficos, percepção dos pesquisadores que foram a campo e reflexão crítica sobre o processo de criação e mediação comunicacional. Baseia-se na análise qualitativa de quatro tipos de materiais gráficos produzidos no âmbito do Projeto Território Caiçara: cartilha de apresentação, folder de devolutiva, banner institucional e documento de perguntas frequentes. Foram adotados como critérios de análise a função comunicacional dos materiais, sua adequação ao contexto cultural das comunidades e sua capacidade de promover mediações interculturais.

MATERIAIS DE COMUNICAÇÃO DO PROJETO TERRITÓRIO CAIÇARA

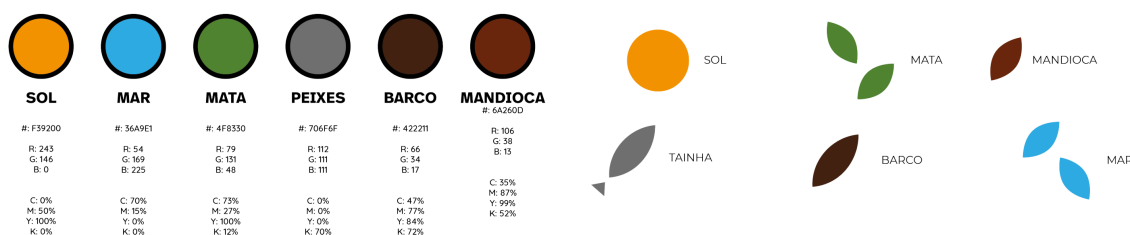
A comunicação visual no Projeto Território Caiçara foi pensada desde o início como uma estratégia fundamental de diálogo entre os personagens envolvidos. Segundo Barbero (2008), a mediação cultural é o lugar onde se negociam sentidos, identidades e resistências. O lugar das mediações é onde se articula a comunicação com a cultura, a técnica com a experiência, e o poder com os saberes populares. Nesse sentido, o conjunto de materiais gráficos desenvolvidos ao longo do estudo não foram restringidos à função ilustrativa e informativa: cumpriram um papel central na criação de vínculos, no fortalecimento do pertencimento territorial e na garantia da devolutiva ética às comunidades envolvidas.

(...) o eixo metodológico principal deste processo foi o trabalho de campo, pois o objetivo central do projeto referiu-se ao levantamento de informações primárias, estabelecendo-se como uma ponte para o diálogo entre comunidades e instituições. Neste processo, mostrou-se fundamental o olhar atento da equipe da Universidade aos diferentes tempos que compunham as lógicas presentes durante sua realização. Mais ou menos (im)previsíveis, os tempos-comunidade, tempos- institucionais e tempos-natureza demandaram da coordenação do projeto e de todos os envolvidos sucessivas adaptações.” (Silva, et al, p.18, 2024).

Desde o seu início buscou-se ter a cara das comunidades estampada na identidade visual do Território Caiçara. Por isso, foi solicitado o desenvolvimento de um

projeto gráfico que funcionasse como um instrumento de pertencimento para as 18 comunidades envolvidas. Tendo em vista que a construção de uma identidade é a junção de signos e de memória coletiva de grupos sociais que constroem seu significado (Calvente, 2015), a proposta criativa baseou-se na identificação de elementos presentes no cotidiano das comunidades e foram transmitidos com formas geométricas simples. Da mesma maneira, segundo Bueno (1985), a divulgação científica se traduz na utilização de recursos, técnicas e processos para tornar acessíveis informações científicas e tecnológicas ao público em geral, por meio da adaptação da linguagem especializada para uma linguagem compreensível. Em articulação com o Plano de Comunicação, os recursos visuais reforçaram a familiaridade com o projeto e possibilitaram a sua apropriação pelos moradores, que passaram a reconhecê-lo como algo seu.

FIGURA 1 - Explicação da paleta de cores e elementos do projeto



Fonte: Projeto Gráfico do Território Caiçara (2021).

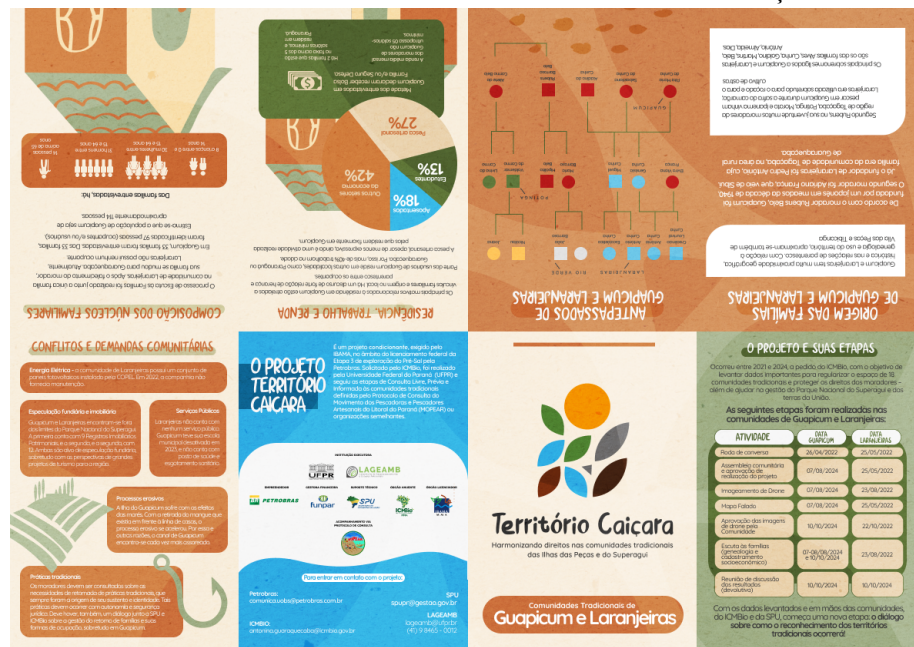
Com base nessa identidade, foram produzidos materiais complementares com objetivos comunicacionais específicos. O banner institucional, por exemplo, foi planejado para sinalizar a presença do projeto nas comunidades, com destaque para os logotipos dos parceiros institucionais e a marca do TECA, facilitando o reconhecimento do projeto em oficinas e reuniões presenciais.

Salienta-se também a cartilha de apresentação geral do projeto, elaborada para circular nos encontros comunitários e nos momentos de mobilização das etapas iniciais. Com linguagem clara, recursos gráficos acessíveis e ilustrações explicativas, a cartilha tinha como função traduzir as informações técnicas sobre o diagnóstico fundiário e social em uma narrativa compreensível pelas famílias locais. Nessa perspectiva, materiais como a cartilha atuam como instrumentos de tradução interinstitucional, em que saberes científicos e técnicos são reconfigurados para dialogar com saberes locais.

Além disso, diante das dúvidas recorrentes manifestadas pelas lideranças durante o processo de consulta e reuniões comunitárias, elaborou-se um material de perguntas frequentes, com respostas às questões mais comuns sobre os objetivos, métodos e possíveis desdobramentos do projeto. Este material teve um papel didático e, ao mesmo tempo, político, ao garantir transparência no processo e promover a autonomia informacional das comunidades — aspecto essencial no respeito à Consulta Livre, Prévia e Informada (Convenção nº 169 da OIT, 1989).

Por fim, destaca-se o folder de devolutiva, que reunia as informações sistematizadas de cada comunidade após o levantamento cartográfico, genealógico e socioeconômico.

FIGURA 2 - Folder de devolutiva às comunidade caiçaras



Fonte: Acervo do Projeto Território Caiçara

Segundo os pesquisadores do projeto, “de apresentação e validação dos resultados (Etapa 4) – apeladas de “devolutivas” – junto às comunidades tradicionais, também realizadas em blocos, são mais desafiadoras no que concerne à conciliação de agendas institucionais existentes” (Silva, et al, p.12, 2024). Em mais de 16 campanhas de campo, os folders foram distribuídos em reuniões presenciais e visavam restituir às comunidades os dados colhidos sobre seus próprios territórios, promovendo o direito à informação e reafirmando o compromisso ético do projeto com seus interlocutores.

CONCLUSÃO

Os materiais visuais desenvolvidos no âmbito do Projeto Território Caiçara revelaram-se peças-chave para a consolidação de uma comunicação sensível, eficaz e horizontal com as comunidades tradicionais. Sua contribuição ultrapassou a função meramente informativa: atuaram como dispositivos de mediação cultural, fortalecimento de signos comunitários, instrumentos de pertencimento territorial e ferramentas de devolutiva ética.

Entre as contribuições da pesquisa, destaca-se o entendimento de que a comunicação visual, quando construída com escuta e cuidado, e em parceria com pesquisadores e demais atores envolvidos no processo, pode atuar como ponte entre diferentes sistemas de saberes — acadêmico, técnico, institucional e tradicional — contribuindo para o reconhecimento territorial e valorização cultural. Os resultados também apontam que o envolvimento direto da pesquisadora na criação dos materiais permitiu um olhar crítico e reflexivo sobre os limites e potências da linguagem visual em contextos de mediação intercultural.

Apesar dos resultados positivos, o processo também revelou desafios importantes, como a dificuldade de conciliar o tempo das comunidades com os prazos institucionais da universidade e da empresa financiadora. Em diversas ocasiões, eventos naturais (chuvas, marés) e festividades religiosas exigiram o adiamento de ações planejadas, demandando flexibilidade e replanejamento constante por parte da equipe. Esses fatores reforçam a necessidade de uma comunicação comprometida com a escuta e com a adaptação aos contextos locais — como apontado por Silva et al. (2024), trata-se de uma “questão de tempos” que afeta diretamente a mediação cultural e a produção comunicacional em projetos de extensão.

Conclui-se que os produtos comunicacionais, quando pensados como parte integrante do processo de pesquisa e não como etapa posterior ou acessória, podem fortalecer vínculos, democratizar informações, facilitar a compreensão de processos complexos e, sobretudo, contribuir para práticas mais justas e sensíveis de divulgação científica e ambiental em territórios tradicionais.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico: conceito e funções**. Ciência e Cultura, v. 37, n. 9, p.1420-7, 1985.

CALVENTE, Maria. **QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE TERRITORIAL CAIÇARA E TURISMO DE BASE LOCAL.** Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege).p.151-172, V.11, n.16, jul-dez.2015.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998..

LAGEAMB. **Território Caiçara.** Disponível em: <https://lageamb.ufpr.br/territorio-caicara/>. Acesso em 5 de maio de 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008

MOPEAR. **Protocolo de Consulta Livre, Prévia e Informada.** 2017.

PROJETO TERRITÓRIO CAIÇARA. **Projeto Gráfico.** 2021.

RODRIGUES, Thiago Dias, DE PAULA, Eduardo Vedor; MARQUES, Manuelle Lago, FROES, Rodolfo Pereira, CESARIO, Vinicius Vendramini, CONTRATI, Luiz Henrique, PAMPLONA, Caio Marcio Paim. Condicionantes socioambientais e protocolos de consulta: o caso do projeto Território Caiçara. Rio Oil & Gas, 2022.

SILVA, V., SILVA, L., MARQUES, PAULA, Trabalho de Campo no Território Caiçara: uma questão de tempos. 2024.